

Acompanhamento terapêutico na rede pública: atando pontas e desemaranhando nó

O Projeto ATnaRede, ligado ao Instituto de Psicologia da UFRGS desde 1998, opera como projeto de ensino, pesquisa e extensão em torno da prática do Acompanhamento Terapêutico (AT) que se oferta à cidade. O projeto é composto por estagiários de psicologia, extensionistas, e mestrandos de diversas áreas e residentes de saúde mental coletiva, de diferentes núcleos profissionais. No acolhimento às demandas de AT formuladas por serviços de diferentes setores das políticas públicas (saúde, assistência social, justiça, educação...), percebe-se que, frequentemente, a rede de cuidados que se propõe *usuário-centrada* corre o risco de tornar o *usuário cercado* por um emaranhado de serviços que, buscando atender à população, acabam por fazer submergir a singularidade dos sujeitos a quem se pretende acompanhar, a tal ponto que se torna um desafio localizá-los nesse emaranhado, escutar suas vozes, discernir sua demanda e seu desejo. Assim, ao mesmo tempo em que o AT é uma via possível, às vezes a única, de aproximação aos sujeitos que resistem a ser capturados por essa teia institucional, corre o risco de se tornar, também, instrumento de captura. A experiência desse risco constitui-se em ferramenta potente de formação profissional para o trabalho intersectorial em saúde mental e investe o AT da possibilidade de, na relação com os serviços implicados no acompanhamento de um usuário, pensar novos modos de produção do cuidado e de abertura ao novo. É essa experiência que queremos compartilhar, através da narrativa da trajetória de um AT realizado em dupla, por duas extensionistas do projeto, com uma família em seu emaranhado de caminhos, histórias, corpos e serviços envolvidos, nos percalços do cuidado e do controle. Trata-se de uma escrita feita a três, entre as ats que acompanham a família e a orientadora que, acompanhando as ats, vê-se também mergulhada na experiência – que se enuncia, dessa forma, em um *nós*.

O que, nesse caso, seria um AT para um *casal* (ambos diagnosticados esquizofrênicos), tornou-se de início como um AT para uma *casa*, abraçando também os quatro filhos, com idade entre 7 e 13 anos, uma tia das crianças, também diagnosticada como esquizofrênica, e suas duas filhas, entre outros atores do território. O caso chegou até nós através do CREAS, que, por sua vez, foi acionado pelo CRAS, para avaliação com vistas a uma possível nova abrigagem das crianças (os dois mais velhos haviam sido abrigados por um período de dois anos algum tempo atrás - experiência que foi traumática para todos, tanto para os pais como para os filhos). O Conselho Tutelar cogitava essa nova abrigagem, considerando as queixas de negligência dos pais no cuidado das crianças. Essas queixas partiam da escola, em função das faltas recorrentes do filho mais velho, por um lado, e do fato de as crianças mais novas apresentarem-se mal-vestidas, sujas, com piolhos, por outro. O CREAS assumiu a referência do caso e se esforçava para evitar que se repetisse uma nova ruptura familiar com a abrigagem. Com esse intuito, e buscando ofertar o cuidado de que essa família necessita, o CREAS aciona e media as relações entre os diversos serviços e familiares envolvidos: escola e SASE frequentadas pelas crianças, UBS de referência da família, Caps onde os pais se atendem, fonoaudiologia do filho do meio, Caps-i que avaliou o filho maior, além da vizinhança e de um tio das crianças, que tanto protegem quanto controlam. Na costura dos fios dessa rede com que tentam conter e dar suporte a essa família, pedem ajuda dos acompanhantes terapêuticos (ats) para auxiliar o casal a construir uma certa organização do cotidiano da casa. Duas ats para mais que uma família: uma efervescência. E tantos são os afetos e as potências que também nós borbulhamos.

O casal nos recebe de boa vontade, mas uma brincadeira que o pai nos dirige deixa clara, de saída, a compreensão que têm da função que opera essa rede de serviços que vimos integrar. Ao nos despedirmos, ao final do primeiro encontro em que somos apresentadas à família pela assistente social e pela educadora social do CREAS, o pai, bem humorado, diz: "já que vocês vêm nos ajudar, então pra semana que vem já vou providenciar duas vassouras!". Organização e limpeza é o que a escola pede, e é a demanda de que essa rede não consegue escapar. Compreendemos o limite de nossa intervenção, cientes da intrusão que poderia ser adentrarmos naquela casa e, sentindo-nos

afetuosamente convocadas a intervir, termos a presunção de poder sustentar o trabalho diante da inesgotável demanda que efervescia. Percebemos o quanto a rede que se articula em atenção ao caso é vivida pela família como um cerco que a ameaça. Buscamos nos desenredar do lugar de controle a que somos convocadas nessa trama, procurando tecer outros fios para o acompanhamento. Em vez de pôr ordem na casa, convidamos o casal a passear. Apesar do estranhamento por parte dos serviços que compõem aquela rede, da insatisfação que manifestam com o desenrolar do AT, o CREAS sustenta a proposta. O fato é que justamente declinar da demanda que nos era feita é o que nos permitia o exercício de uma função terapêutica. Passeando conosco, cada um dos membros do casal encontra o espaço para falar de si, para compartilhar, sem medo, a sua experiência de adoecimento, alucinações e delírios, mas também histórias de vida, pequenas e grandes preocupações e alegrias. Aos poucos, vamos conseguindo, juntos, dar mais contorno ao AT, e tomamos como direção do trabalho cada uma de nós acompanharmos mais proximamente um integrante do casal. Desta forma, vamos conquistando um lugar a marcar diferença nesse enredo familiar, marcado por misturas, controles, enredamentos.

Assim, acompanhar a mãe das crianças fez-se de início um percurso silencioso, em que a palavra verbalizada não alcançava ser fio conector entre acompanhada e acompanhantes. O vínculo foi se tecendo por meio de outros elementos que se inseriam na cena do AT e que diziam sobre um cuidado de si e do outro. Numa tarde, sentadas no banco da praça próxima à residência do casal, durante a ebulição de uma conversa, esse vínculo ganha espessura através de um gostar que permeia a mãe e uma de nós, at: a arte da costura. Nesse tear, no processo de enlaçar ponto a ponto, seguindo pausas e continuidades, a mãe das crianças pode construir outros sentidos ao AT. Quanto ao pai, um dia chegamos à casa e o encontramos em plena crise alucinatória (o que veio a se repetir algumas vezes). Ele pede que não contemos nada aos serviços, explicitando o medo, em vez da acolhida, que sentia em relação a esses espaços. Desde esse dia, em que ele dá mostras de nos perceber, não num lugar de controle e, sim, num lugar de escuta, uma demanda em nome próprio pode começar a ser formulada. Ao longo de nossos encontros, na medida em que é escutado, torna-se cada vez mais capaz de falar, resgatando sua existência em sofrimento do silêncio em que fora mergulhada.

Acompanhando a cada um e a todos naquela casa, vamos nos fazendo testemunhas da capacidade da família de acolher as crises do pai, de se fazer continente da sua angústia e padecimento, ajudando-lhe na travessia das crises, sem recurso aos serviços pelo receio de uma intervenção não desejada por eles – internação do pai, abrigagem dos filhos. Somos testemunhas, também, da tenacidade da mãe, e da amorosidade que une o casal a seus filhos; do cuidado que compartilham entre si (que, no entanto, não se traduz em asseio e ordem); da vivacidade e aprendizagens, escolares ou não, que trazem as crianças...

Junto ao acompanhamento da família, foi preciso abrir espaço para um andar acompanhado das equipes, para que as equipes envolvidas se encontrassem e buscassem construir uma direção comum de trabalho, não em oposição e rivalidade, mas em composição e diferenciação de lugares. Na insistência desse espaço comum, foi possível modular as expectativas, fazer valer a estratégia estabelecida pelas ats e reconhecer-lhe o valor, como também compreender que, ao depositar o medo na relação a uma equipe ou profissional em especial, isso possibilitava construir, na relação com as outras equipes, um lugar de confiança, de forma que também esse profissional ou essa equipe "temida" pela família ganhava lugar e importância na construção do caso. Então, periodicamente, a cada dois meses, profissionais do CREAS, do Caps, e do projeto ATnaRede reúnem-se durante uma manhã para tornar comum o trabalho feito com essa família e tentar minimizar os riscos de fazer da rede de cuidado uma rede de captura. E, nos próximos encontros, esperamos poder chamar a compor essas conversas também a Escola e o SASE, apostando na possibilidade de também a escola poder olhar por outros ângulos a produção dessas crianças e o cuidado que seus pais lhes ofertam, ou fazer retornar para si, como questão, a evasão do filho mais velho. Trabalho lento, delicado e paciente, de muitas costuras e bordados, como é lento, delicado e paciente o acompanhamento terapêutico.